

Uma personalidade única e uma pesquisa sobre o atendimento on-line na pandemia por Covid-19

Uma homenagem ao psicanalista
Júlio Campos

Carmen Prado Nogueira¹
Siana Pessin Cerri²

Júlio Campos
Nome imperial, porte imponente
Voz tonitruante e peito fremente
Potência na vida, seu olhar sugeria
“Sê, vive, expressa, busca, cria!”
Ramon Castro Reis

Resumo: Este trabalho presta uma homenagem ao psicanalista Júlio Campos, com quem estudamos e trabalhamos, e que nos brindou com suas ideias tão criativas. Sua visão acerca da revolução digital, que se instalava, estimulava-o a estudar o tema há muito tempo, e pretendia, já antes de 2020, pesquisar como os colegas enfrentavam esta nova era. A pandemia da Covid-19 nos arremessou através deste portal, como ele dizia. E, assim, realizamos uma pesquisa que deixa um retrato bastante fiel deste momento da nossa história. Ao mestre Júlio, com carinho.

Palavras-chave: Atendimento on-line. Júlio Campos. Pesquisa. Revolução digital.

¹ Psiquiatra, Membro do Instituto da SBPdePA.

² Psicóloga, Membro do Instituto da SBPdePA.

Homenagem a Júlio Campos

Júlio Campos sempre foi único. Nos seminários, oferecia um pensamento aberto, curioso e otimista frente aos desenvolvimentos da humanidade. Há um tempo vinha estudando a revolução digital. Lembrava que, depois de passarmos por duas verdadeiras revoluções socioeconômicas — a agrícola, que possibilitou as cidades; e a industrial, que possibilitou o nível de bem-estar que desfrutamos hoje (apontadas por Yuval Harari no seu livro *Sapiens*) —, estamos, desde o final do século XX, chegando ao novo nível da revolução digital. Sempre interessado mais no que trazia saúde mental, Júlio Campos se debruçou, a partir da década de 90, sobre o estudo da criatividade, elemento que considerava a base tanto da arte como da psicanálise. Estudou, com um grupo de colegas, sobre a vida de 16 gênios de várias artes e da ciência, em busca das potencialidades que haviam possibilitado essa existência tão criativa. Seu desejo era que pudéssemos, como psicanalistas, chegar a um patamar novo, que, para além da compreensão das enfermidades, buscasse encontrar o que chamava de “metapsicologia das virtudes humanas”.

Em nosso grupo, o tema centrou nesta nova era digital. Sobre isso, Júlio falava do analfabetismo digital que vivenciávamos, mas acreditava que, com os avanços hodiernos, a população começaria a ser alfabetizada digitalmente. Imaginava o mundo tecnológico substituindo a língua universal atual, o inglês, e formando uma língua própria: a língua digital. Via a população dividida em posições diferentes frente a esta nova realidade: os *imigrantes* (os nascidos antes de 1980) e os *nativos digitais* (os jovens com menos de 40 anos). Como imigrantes, estávamos com ele nos apropriando desse novo modelo de comunicação.

Júlio considerava essa revolução digital a terceira erupção paradigmática da história e via sua força como algo que vinha modificar nossas quatro fronteiras de atuação: a relação com nós mesmos, com nossas famílias, com nossos circunstantes e com o mundo. Essa revolução, dizia, era produzida pela massa, conectada em rede por seus celulares. E, assim, pensava ser imprescindível que nós, os psicanalistas, conhecêssemos suas ferramentas e, sabendo usá-las, tratássemos de dissolver as idealizações e os segredos, tanto institucionais como familiares, responsáveis pelo aparecimento e pela manutenção das enfermidades.

Era assim o seu olhar sobre a própria psicanálise, sempre muito particular também. Mostrava uma ética extrema acerca da privacidade de seus pacientes, primava por apurar todos os sentidos dentro da sessão, o que se passava pelo que ele chamava de “wireless” — uma comunicação especial da transferência entre analista e paciente — e apostava que ajudar a observar esse rico detalhe era, a seu ver, o mais importante a ser transmitido aos seus aprendizes. Nos

estimulou sempre a ampliar nosso olhar para outros saberes — literatura, filmes, música, que são, como sabemos, fundamentais para a psicanálise e para a vida. No primeiro semestre de 2019, Júlio Campos coordenou o seminário de Freud “O Inconsciente”, no Instituto da SBPdePA, onde seus personagens favoritos estiveram sempre presentes, como inspiração para compreendermos o olhar e a percepção que ele tratava de nos estimular a cultivar — Lisbeth Salander, Cormoran Strike, além de Sherlock Holmes, que não foi da era digital, mas poderia ter sido, e que era seu favorito.

Em razão do vínculo que estabelecemos em 2019 durante o seminário sobre “O Inconsciente”, em janeiro de 2020, Júlio, em sua sempre presente generosidade, convidou nosso grupo e mais alguns colegas para seguirmos estudando juntos sobre essa nova era digital. Desejava realizar uma pesquisa com o objetivo de investigar como nós, psicanalistas, estávamos sendo atingidos por essa nova revolução. O grupo era formado por: Júlio Campos (Coordenador), Carmen Prado Nogueira, Cláudia Haetinger, Felipe Kruse, Paulo Picarelli, Roberto Vasconcelos e Siana Pessin Cerri. A partir desta pesquisa, ele organizou o que viria a ser o curso, apresentado no congresso da Fepal de 2020, e também seu seminário aberto na SBPdePA em novembro do mesmo ano, “O Psicanalista do Século XXI”.

Marcamos para nos encontrar em março, quando fomos atingidos de forma avassaladora pela pandemia da Covid-19. Dessa forma, como ele frisava, a pandemia nos arremessou através do portal da era digital.

Criamos um grupo de Whatsapp, com o nome Psi Século XXI, e marcamos nossa primeira reunião. Esse foi o começo de um grupo, de uma amizade, de muitas descobertas e trocas, de uma pesquisa e, agora, de um trabalho escrito.

Reuniões semanais eram realizadas entre nós, a mídia nos invadia com notícias catastróficas da pandemia, assistíamos às atividades sobre o atravessamento do on-line nos atendimentos psicanalíticos e, aos poucos, fomos desenhando nossa pesquisa. Discutíamos psicanálise, arte, história, ciência, nossa prática nos atendimentos on-line, sentimentos e vivências. Indagações e colocações feitas pelo coordenador Júlio Campos desacomodavam e estimulavam o grupo a pensar, criar e buscar novos vértices.

Muitas lembranças foram suscitadas ao escrevermos este texto. Entre muitas, os questionamentos e pontos de vista marcados por Júlio em todas as reuniões. Desde procurar plataformas para atender, de forma que não influenciasse o setting terapêutico, até a iluminação da tela eram pontos debatidos. Júlio questionava muito se, ao visualizarmos nossa imagem atendendo por chamada de vídeo, esta poderia nos capturar, interferindo em nosso trabalho. As regras básicas da psicanálise estavam sempre em pauta: associação livre e atenção flutuante. Nos alertava que o superego poderia atrapalhar nossa atenção flutuante.

Assim, interessados em todas as modificações envolvidas nas profundas mudanças de hábitos da revolução digital, criamos uma pesquisa para investigar a evolução e as adaptações a estes novos tempos on-line.

Pesquisa “Pandemia e Revolução Digital” Psi Século XXI — Grupo de Investigação

Em 15 de junho de 2020, nossa pesquisa, com 26 perguntas, foi divulgada nas mídias. O nome Psi Século XXI foi patenteado e criamos um site. Em julho, lançamos a pesquisa em espanhol, e em agosto, em inglês.

Com o engajamento de todos e com a globalização, logo tivemos retorno dos colegas, totalizando 867 respostas em português, 46 em espanhol e 47 em inglês. As respostas a cada questão da pesquisa não eram obrigatórias, assim cada profissional respondeu livremente às que desejasse.

Nossa pesquisa trouxe uma foto muito precisa e interessante da rápida transformação à qual fomos obrigados a nos submeter. Mapeou um momento único, onde pudemos identificar mudanças que ocorreram subitamente no modo de atendimento de nossos pacientes. Frente a questões quanto à eficiência do tratamento on-line, a pesquisa também mostrou dados muito positivos.

Entre as perguntas, selecionamos 17 delas para que todos possam acompanhar e refletir sobre os resultados, os quais foram contemplados até o dia 4 de agosto de 2020 com 831 respostas. Os resultados das pesquisas de língua espanhola e inglesa apresentaram dados muito semelhantes (os quais foram computados separadamente). Dessa forma, optamos por apresentar aqui os dados da pesquisa de língua portuguesa.

Seguem os gráficos dos resultados mais significativos, e alguns comentários:

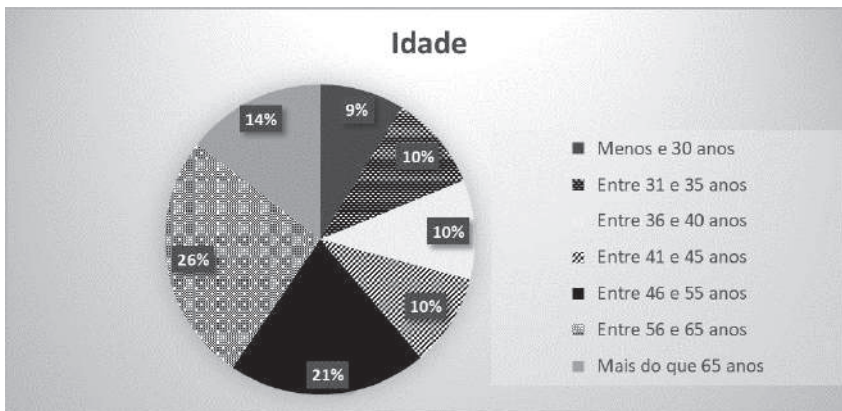


Figura 1 – número de respostas = 815

Colegas de todas as faixas etárias responderam ao questionário. Chama a atenção que cerca de 70% desses profissionais são imigrantes digitais e 30%, nativos digitais (menos de 40 anos). Além disso, cabe mencionar que mais de 60 instituições — sociedades, fundações, hospitais, entre outras, estão contempladas nessa amostra, de Sul a Norte do país.

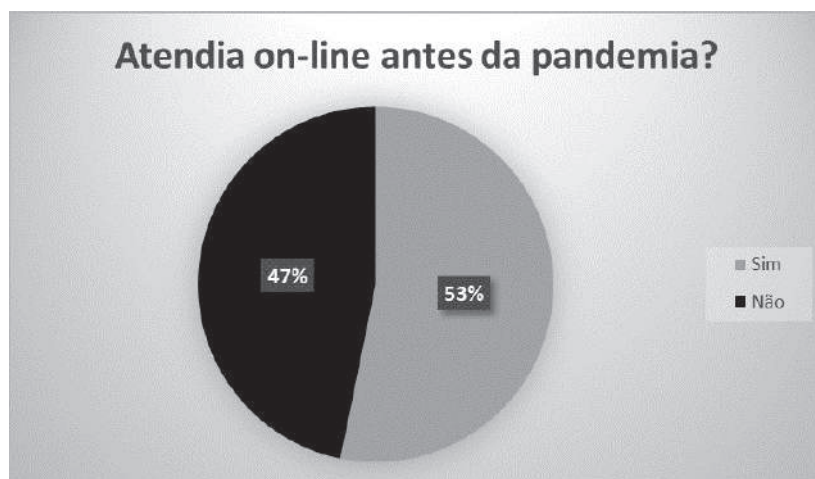


Figura 2 – número de respostas = 814

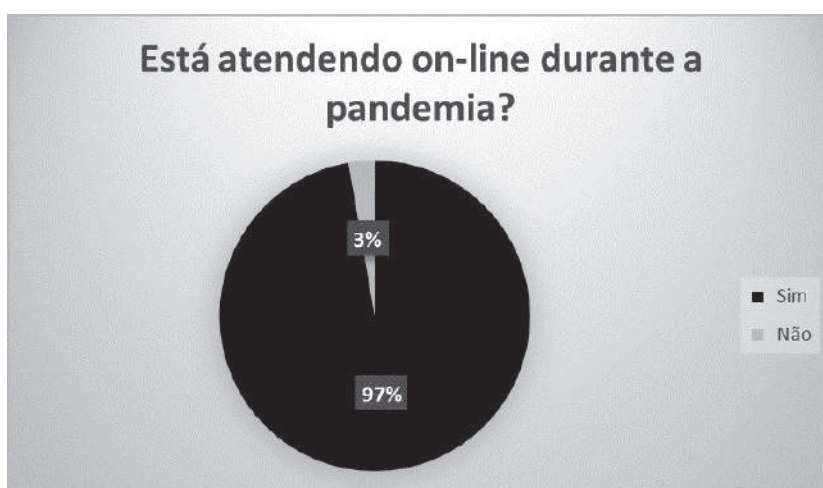


Figura 3 – número de respostas = 815

Aqui, percebemos a agilidade com que a quase totalidade dos profissionais da área se adaptaram ao nosso momento digital. Praticamente todos passaram a realizar seus atendimentos de forma on-line.

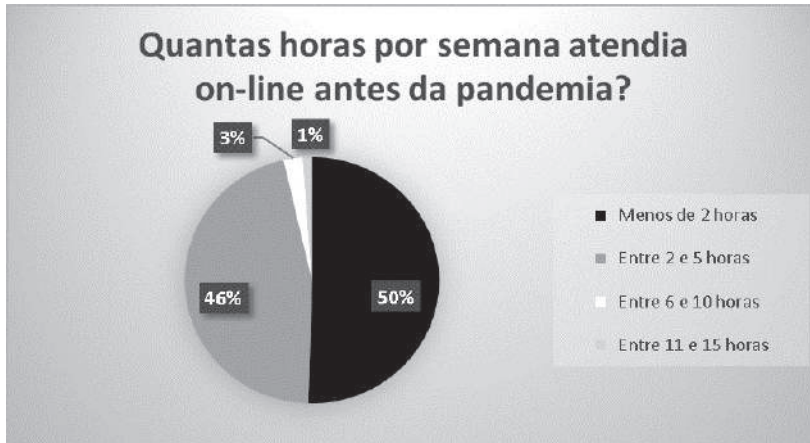


Figura 4 – número de respostas = 446

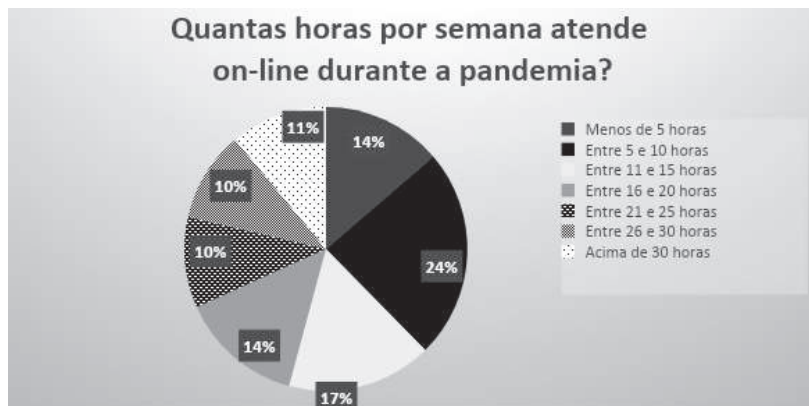


Figura 5 – número de respostas = 795

Observamos que, entre os entrevistados que atendiam on-line antes da pandemia, 50% trabalhava menos de 2 horas por semana nesta modalidade, ou seja, era uma prática pouco usada. Já durante a pandemia, 55% atendiam de 5 a 20 horas por semana, aumentando de forma significativa a carga horária on-line. Mais de 30% passaram a atender acima de 20 horas semanais de forma virtual. Dessa forma, podemos ver o movimento rápido de ajuste dos colegas frente ao momento em que vivíamos.

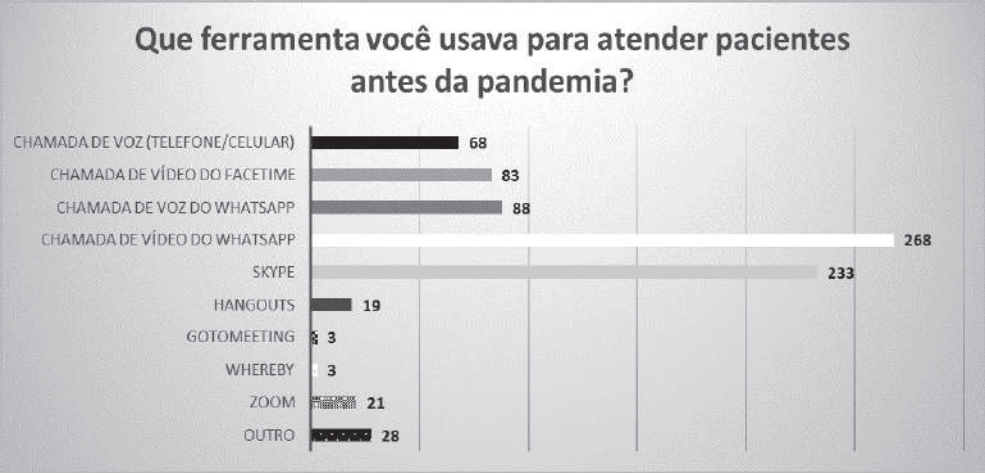


Figura 6 – número de respostas (com possibilidade de múltiplas escolhas) = 469

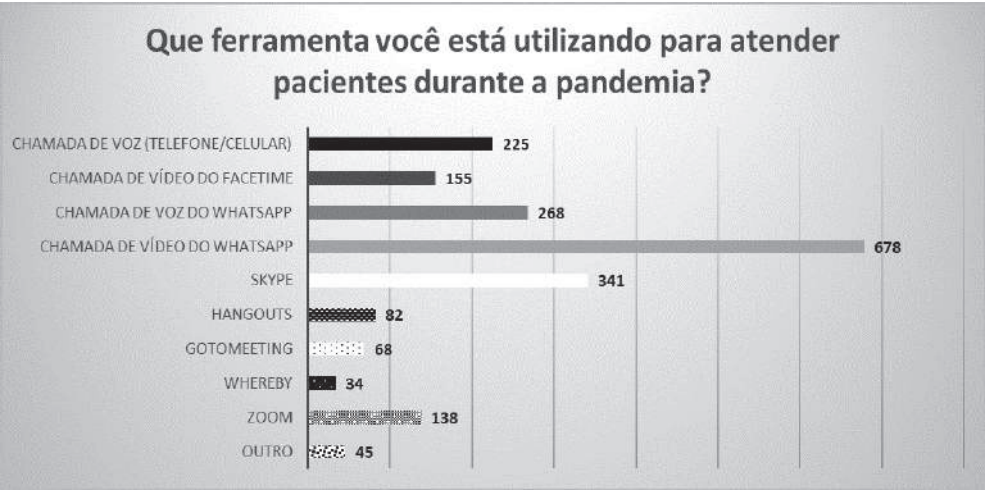


Figura 7 – número de respostas (com possibilidade de múltiplas escolhas) = 803

Verificamos que, tanto antes quanto durante a pandemia, as ferramentas mais utilizadas foram as chamadas de vídeo do WhatsApp (57% e 84%, respectivamente) e, em segundo lugar, o Skype (48% e 42%, respectivamente). Durante a pandemia, houve uma busca por melhores plataformas, para que não interferissem no setting terapêutico, mas elas não chegaram a ser expressivas no resultado da pesquisa. Entre os aparelhos utilizados para realizar o atendimento on-line, o celular foi o mais citado, 92% dos entrevistados o utilizavam, mesmo que não exclusivamente.

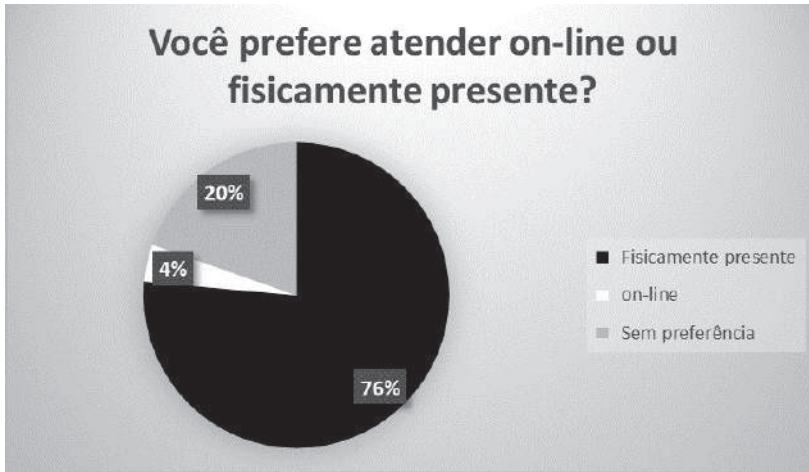


Figura 8 – número de respostas = 815



Figura 9 – número de respostas (com possibilidade de múltiplas escolhas) = 804

Durante a pesquisa, 76% dos profissionais responderam que preferiam atender de forma fisicamente presente. Para 69%, o local de atendimento era sua residência. Nos questionamos quais resultados a pesquisa mostraria hoje, depois de mais de dois anos de pandemia. Mudariam?

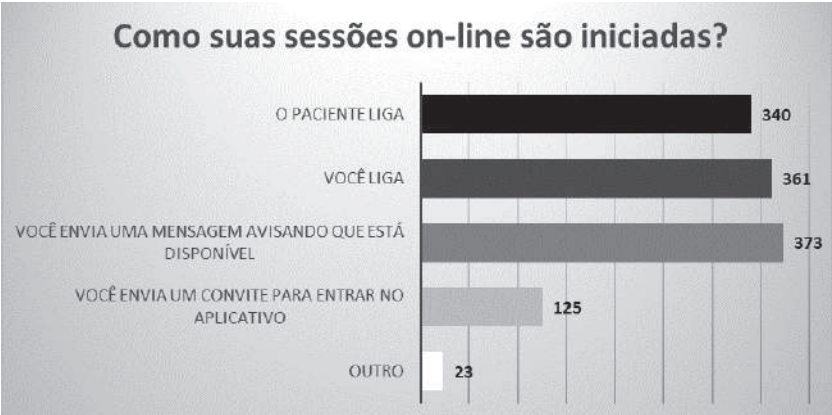


Figura 10 – número de respostas (com possibilidade de múltiplas escolhas) = 801

Percebemos que, no atendimento on-line, as sessões são iniciadas de várias formas. Quanto a essas diversas iniciativas, será que uma ou outra trará alguma interferência no enquadre? Interessante refletir.

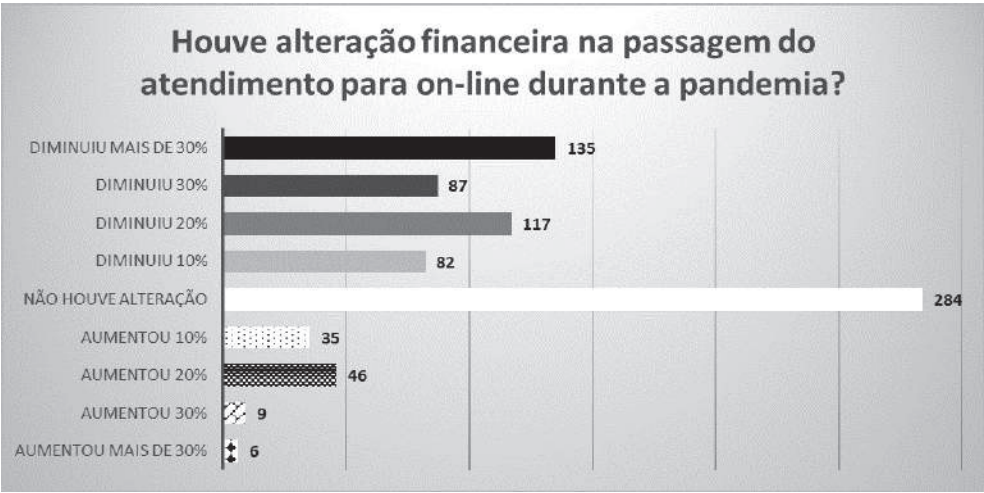


Figura 11 – número de respostas = 801

Observamos que 35% dos profissionais relataram que não houve alteração no valor da sessão. Entre os 65% que referiram que houve modificação, mais de 80% tiveram esse valor reduzido. Acreditamos que essa redução ocorreu em função de que, no início da pandemia, muitas pessoas tiveram que fechar temporariamente seus negócios, tiveram seus salários reduzidos ou perderam seus empregos.

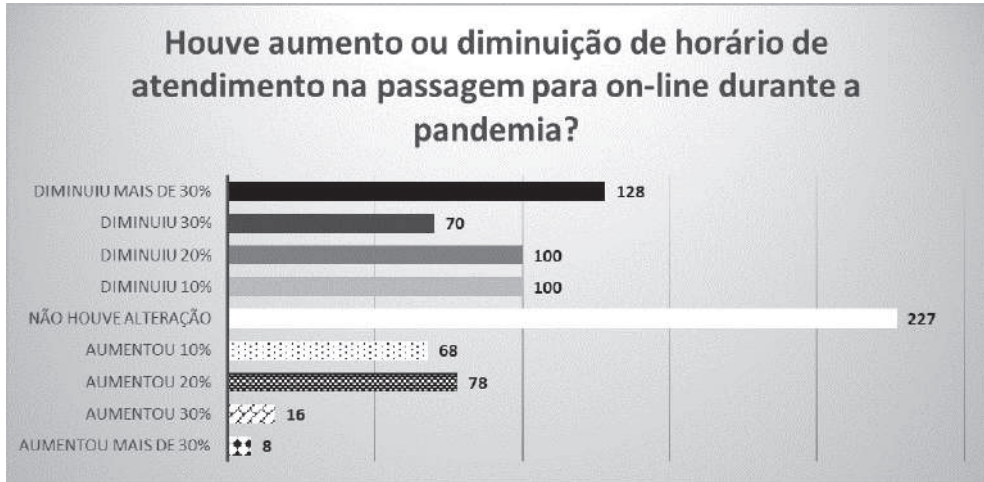


Figura 12 – número de respostas = 795

Verificamos que apenas 29% dos profissionais informaram que não houve alteração no número de atendimentos na passagem para o on-line durante a pandemia. Em contrapartida, quando houve alteração, cerca de 70% diminuíram seus horários.

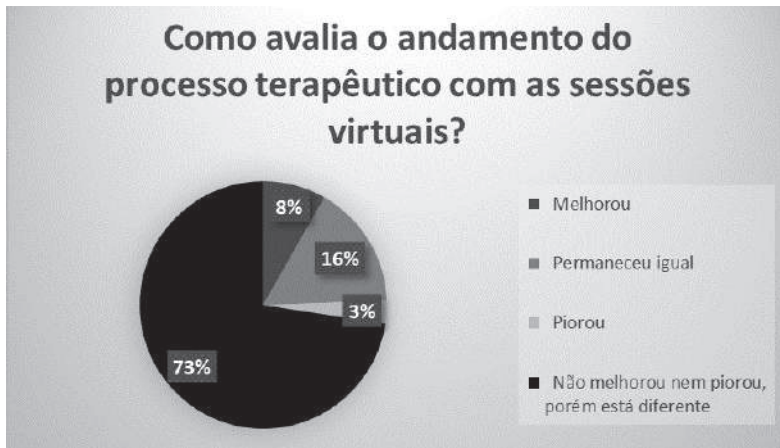


Figura 13 – número de respostas = 799

Chamou nossa atenção o fato de que 73% dos entrevistados observaram que o andamento do processo terapêutico não melhorou nem piorou, mas ficou, de algum modo, diferente. Provavelmente, no futuro, poderemos compreender melhor o sentido dessa diferença, inclusive levando em conta o grupo de pacientes: crianças, adolescentes ou adultos.

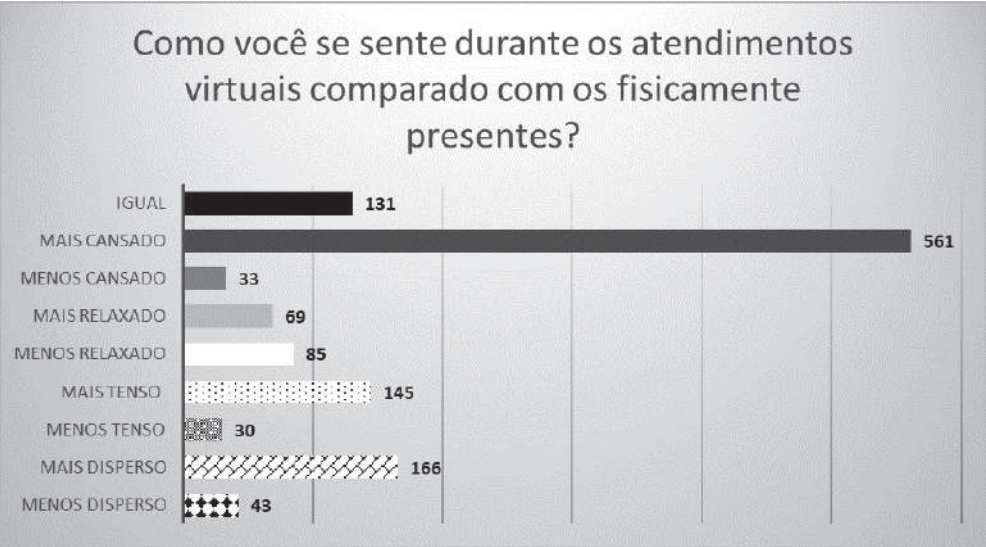


Figura 14 – número de respostas (com possibilidade de múltiplas escolhas) = 807

Podemos observar que 70% dos profissionais informam estar mais cansados realizando os atendimentos on-line. Sentimentos como “mais dispersão” e “mais tensão” também aparecem como sintomas do atendimento remoto.

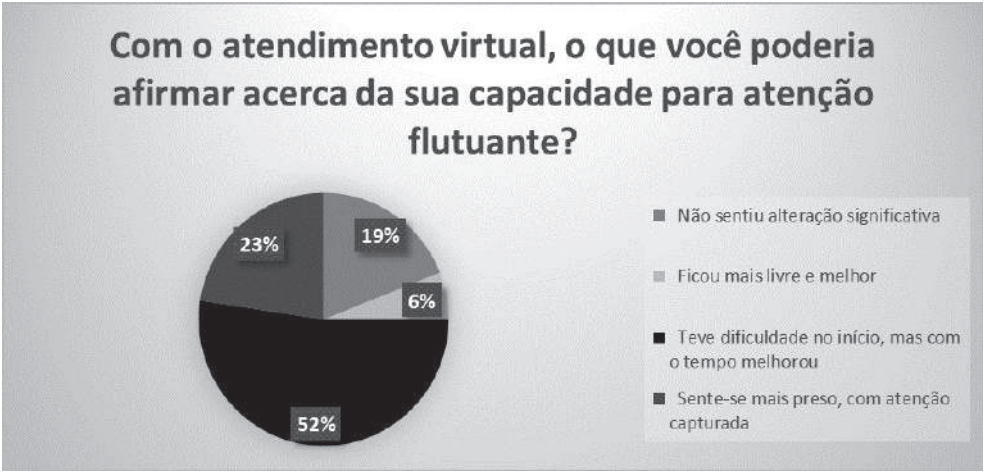


Figura 15 – número de respostas = 800

Em relação à atenção flutuante, 52% dos profissionais informaram que sentiram dificuldade no início dos atendimentos on-line, mas depois essa condição melhorou, indicando a capacidade adaptativa dos colegas. Poderíamos

atribuir essa dificuldade inicial à angústia que todos experimentávamos naquele momento frente ao desconhecido que nos atravessava e ameaçava? Pensamos que sim.

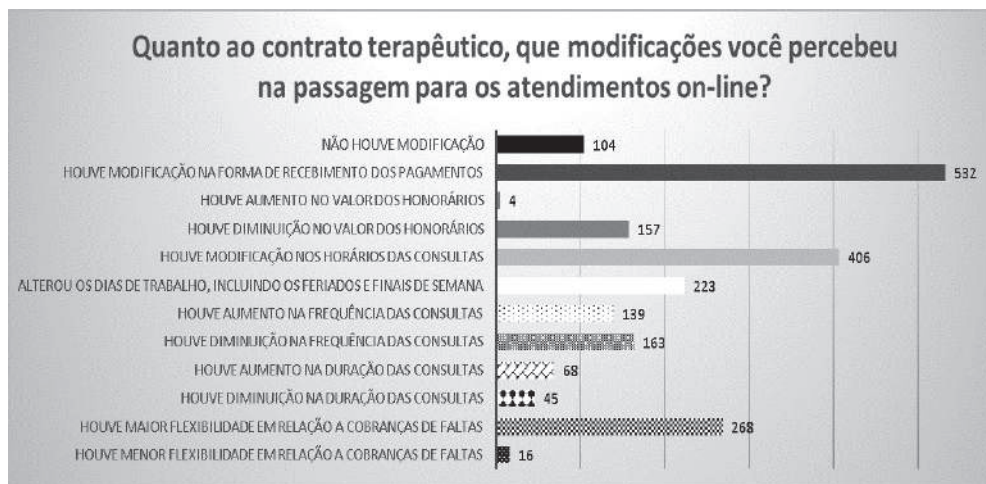


Figura 16 – número de respostas (com possibilidade de múltiplas escolhas) = 803

Quanto ao contrato terapêutico, 66% afirmaram que houve modificação na forma de recebimento dos pagamentos. A segunda maior frequência de respostas foi a modificação nos horários das consultas, com 51% de resultados.

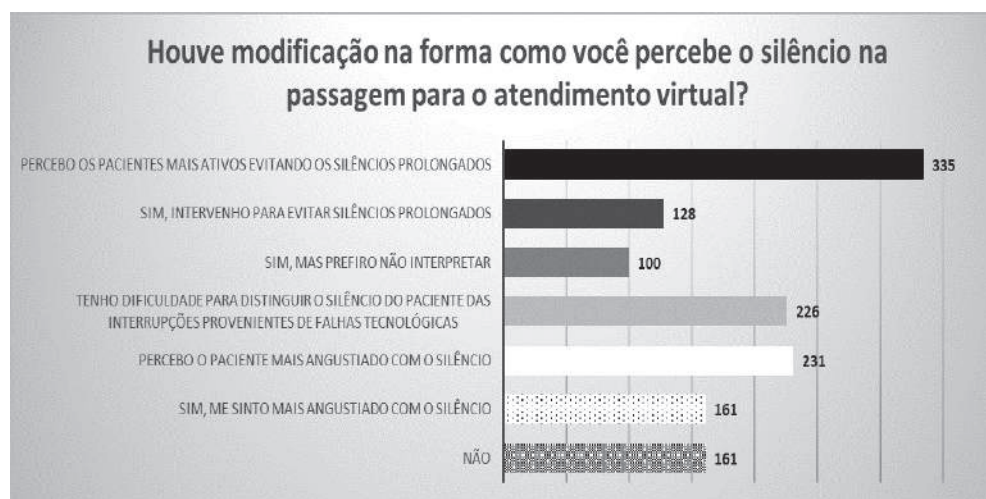


Figura 17 – número de respostas (com possibilidade de múltiplas escolhas) = 801

Ao serem questionados sobre sua percepção do silêncio na passagem para o atendimento virtual, 42% relataram perceber os pacientes mais ativos, evitando os silêncios prolongados. O impacto de toda essa mudança de setting e as dúvidas quanto a se estavam sendo ouvidos (ou se a internet havia falhado) — pontos que aguçavam o desamparo provocado pela pandemia que nos atravessava — poderiam provocar essa necessidade maior de contato, com menor capacidade para o silêncio?

Considerações Finais

Desejamos que essa homenagem represente o tanto que aprendemos e vivenciamos com Júlio Campos. Ele faz muita falta, mas deixou sua marca em todos nós, pela sua forma de pensar criativamente, de buscar mais saúde mental que doença, de pensar “fora da caixa”, de nos desacomodar, de ver a prática psicanalítica com tanta ética. Nos estimulou a ver, na arte e na vida, o que houvesse de melhor para ser visto.

Queremos ressaltar a importância e o valor desta pesquisa, que retrata um momento histórico deste nosso tempo. Agradecemos aos colegas Cláudia Haetinger, Felipe Kruse, Paulo Picarelli e Roberto Vasconcelos pela parceria no desenvolvimento, na aplicação e na discussão dos resultados da pesquisa.

Seria interessante verificar os desdobramentos futuros do que observamos quando a pandemia já estiver mais longe de nós. Novos tempos, novas práticas, e a psicanálise sempre acompanhando este mundo que não para de se transformar.

A unique personality and a survey on online guidance during the Covid-19 pandemic

A tribute to the psychoanalyst Júlio Campos

Abstract: This paper pays a homage to the psychoanalyst Júlio Campos, with whom we studied and worked and who brought us his quite creative ideas. His vision regarding the digital revolution, which was coming about, had already been driving him to study the theme for a long time, and he intended to research how our colleagues were facing this new era. The Covid-19 pandemic launched us through this portal, as he said. And so we developed a survey which produces a very true portrait of this moment in our history. To Sir Júlio, with love.

Key-words: Digital revolution. Júlio Campos. Online sessions. Survey.

Referência

Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM.



Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 19/04/2022

Aceito em: 05/05/2022

Siana Pessin Cerri
Rua Dr. Florêncio Ygartua, 391 / 306
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: spessin@terra.com.br